

Apego ou Desapego? – um exercício interpretativo sobre risco e vulnerabilidade a partir da demolição de casarios antigos em Porto Alegre/RS¹

Anelise dos Santos Gutterres

Mestranda em Antropologia PPGAS/UFRGS, pesquisadora do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV, e-mail: anelise.g@gmail.com

RESUMO

Sobre o prisma dos estudos de Bachelard, sobre o espaço e a duração, nesse trabalho pensarei as transformações urbanas da cidade de Porto Alegre, como forma de se pensar o espaço da casa e o espaço da cidade ambos em constante processo de re-significação, seja a partir das ações públicas de planejamento urbano, seja pela ação de duas moradoras de classe média da cidade de Porto Alegre, também responsáveis pela destruição da cidade na escala de suas casas. Através da noção do risco de Norbert Elias avalio essa condição da duração da cidade e suas formas e das mulheres e suas casas ancestrais (pelo sangue ou pelo casamento) como maneira de pensar as rupturas que compõe e fazem permanecer os espaços no tempo.

Palavras-chave: risco, demolição, duração, memória, transformação urbana, espaço, casa

*“O que dura? Apenas aquilo que tem razões para
recomeçar.”*

Gaston Bachelard, A dialética da duração

Os processos de demolição de casas, bairros, retiradas de populações empobrecidas de determinadas áreas, destruição de bares, becos e antigos casarios não são ações incomuns dentro de uma “lógica racional” e de “um tempo finalista” que orienta a idéia do progresso como fundadora da noção de cidade moderna (Rocha, 2001: 6) na qual a cidade de Porto Alegre também está inserida. Uma capital que no ano de 1940 tinha uma população de 300.000 pessoas e que foi arquitetando dentro dessa lógica um futuro que passava pelo

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

crescimento de vias públicas, melhoramentos em transportes, delimitação de áreas de comércio, investimento em saneamento e abastecimento de água numa tradição de planejamento urbano, seguida até os dias de hoje, que se preparava para a organização de uma população urbana que no ano de 2006 chegou a 1.384.187 pessoas segundo os dados da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul. Com base nessa imagem de progresso como uma via positiva de crescimento da cidade, trago à noção de risco para pensar o arranjo de práticas fundadoras desse espaço citadino onde “todas as práticas sociais planejadas acontecem em meio a uma torrente de processos não planejados” (Elias, 1998:172). O risco do futuro de Porto Alegre, no ano seguinte ao de 1940, passaria por uma avaliação de estratégia que levaria em conta uma “verdadeira catástrofe”, uma enchente que atingiria cerca de “70.000 pessoas”, obrigadas a abandonar suas casas “em busca de abrigos nas partes mais altas da cidade” (Paiva, Edvaldo Pereira, 1942:101). Estradas, aeroportos, linhas férreas e toda a região dos bairros São João e Navegantes, especialmente industriais, populosos e próximos a zona baixa da orla do estuário do Guaíba ficaram cobertos pelas águas. No livro Expediente Urbano da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, de 1942, pode-se ler sobre a preocupação com os efeitos da enchente na cidade menos para com aqueles que estavam desabrigados e mais para àqueles que poderiam ficar desempregados. Paiva se preocupa com o fato da cidade não possuir “lugares elevados próximos às ferrovias e rodovias” facilitando o levante das “plantas industriais” para fora do município, movimento que esses engenheiros e urbanistas já “estavam assistindo” e que preconizam, viria a “provocar resultados funestos para o desenvolvimento futuro da cidade” (1942:101). Os planos de melhoramentos para a cidade, que já começavam a ser pensados desde 1914, foram desenvolvidos e reiterados até a atualidade, num movimento gradual que foi construindo uma valorização imobiliária das áreas mais altas da cidade, como o bairro Rio Branco (antiga colônia africana) e o bairro Petrópolis que segundo Paiva teve o valor da sua terra crescido em relação direta ao fato de serem zonas que estavam passando a ser “servidas pelos meios coletivos de transporte” (1942:123).

Em meio ao risco de uma nova catástrofe, a imagem do progresso estava ameaçada já que a sua dependência passava pelo controle da natureza, pela invulnerabilidade plástica do concreto, pelo ferro, pelo trabalho, pelo transporte, pela ascensão e a retificação das edificações. Essa imagem do progresso era seguida também por uma imagem de amadurecimento, segundo a classificação dos esquemas verbais do imaginário, que nos propõe Gilbert Durand (2002), uma proposta de maturação que se queria deixar para sempre e somente na lembrança aquela imagem de cidade pequena ligada aos muitos nomes de rua que ainda faziam referência aos apelidos dos moradores, ao nome dos proprietários dos pequenos

comércios ou as práticas realizadas no interior delas, a exemplo: o beco do mijo, travessa da Carmem, Beco do Chico Pinto, Rua da Margem, Morro do Carneiro. O progresso, ao mesmo tempo em que colhia os frutos plantados das idéias positivistas de civilização como metas a serem seguidas foi construído em cima da abdicação de algumas imagens que pela literatura temos a chance de navegar. Athos Damasceno Ferreira em livro ganhador do Grande Concurso Literário² “Cidade de Porto Alegre”, publicado em 1940, narra a cidade de Porto Alegre da seguinte forma:

“Agora, no cenário compacto dos telhados incontáveis, de onde emergem, compridas, as chaminés das fábricas e das usinas quase lado a lado das velhas tôrres escasseantes e da massa quadrada dos arranhacéus invasores, diluem-se pouco a pouco, os últimos vestígios da ingênua paisagem de outrora.

Amanhã, dificilmente se há de identificar na fisionomia urbana, a cada momento alterada, o parentesco da Cidade Nova com o vilarejo que o açoriano descuidoso armou, de improviso, nas duas faces acidentadas do promontório.

O porto alegreense não saberá mais o que foi a subida de S. Jorge. Ninguém lhe dirá do destino dos riachinhos ativos que fizeram o desenho caprichoso do Dilúvio. E as avenidas que se rasgam, todos os dias e em todos os sentidos nada lhe falarão das ruelas apertadas onde se levantou o sobradinho feio do antepassado barbaçudo e onde estão enterradas as raízes da sua ascendência”.(Damasceno, 1940: 11)

O risco da destruição como não duração

A razão por que início esse trabalho retomando os processos de transformação e sobreposição de imagens em que a cidade de Porto Alegre esteve e está embutida, são necessárias e possíveis à medida que proponho pensarmos a avaliação do risco - pela dialética da terminologia do apego e do desapego – no caso de duas mulheres de camadas médias habitantes dessa cidade que estão, hoje, vivendo diante da venda e destruição de suas moradas. Pensando essas mulheres como moradoras inseridas nesse imaginário que constitui uma idéia de evolução da cidade, poderíamos dizer que elas se encontram dentro do micro-espaço da casa avaliando a forma de duração (Bachelard, 1988) de si mesmas no tempo dessa mesma cidade. Sendo a duração para Bachelard a grande ordenadora desses ritmos vividos, através da dialética do repouso e da ação (1988:7), a vulnerabilidade dessas mulheres pode ser pensada como uma possibilidade de desembaraçamento das “falsas permanências da alma, das durações mal feitas”, uma oportunidade de viver a “desorganização temporal” (Bachelard, 1988:9) como subterfúgio para avaliação daquilo que na ondulação dos ritmos das suas trajetórias é possível durar. A duração nos permite, também, a partir das reflexões posteriores de Eckert e Rocha em que essa rítmica aparece pensada em função do cotidiano dos cidadãos,

² Concurso realizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e no qual o autor nessa edição do evento tinha sido agraciado com o 1º lugar.

pensar o caso dessas mulheres como parte de um processo cíclico de progresso, que pela destruição e construção (Eckert e Rocha, 2005, cap. 4) de novos espaços faz durar e, portanto permanecer uma certa idéia de cidade. O esforço etnográfico de propor que essas mulheres pensem sobre sua mudança de lar no momento que avaliam a sua própria construção de lar, se dá na etapa posterior a da decisão de venda da casa, no momento onde elas estão em avaliação dos espaços concretos da nova casa, pensando o que terão condições de levar consigo e o que terão que abdicar em função da diferença no espaço físico de cada construção. O impulso que move essa decisão de venda passa pela perda de um familiar, que economicamente e simbolicamente, mantinham aquele espaço habitado, portanto para Bachelard, vivo.

Articulando uma comparação que segue pela linha dos jogos da memória, em como em menor e maior escala, o esquecimento e a lembrança, constroem na sua interdependência contrastiva a possibilidade de escolha na construção do tempo, para Bachelard (2005) a cidade, assim como a casa são vividas quando habitadas e é nessa vivência do espaço que o indivíduo pensa a si mesmo como parte de um cosmos que organiza o pensamento, por um deslocamento entre imagens. As mulheres com quem conviveremos neste trabalho têm a cidade como parte integrante dessa imaginação, diante da afirmação de Rocha e Eckert, “A cidade é um repositório de excedente de sentido e, em seus territórios, os sujeitos vivem cotidianamente estratégias de negociação de realidades” (2001: 93), esse cotidiano, no caso de Carla e Ainsley, mulheres da faixa dos cinquenta anos no qual o processo de mudança de casa eu acompanhei durante meses, foi um cotidiano de transformação. A partir da história de vida que elas nos narram é possível perceber as constantes rupturas que compõem a sua duração no tempo, as constantes mudanças de estado que fizeram parte da construção da relação delas com a casa: a casa vivida pela imaginação, a casa construída na intimidade da habitação. Os processos de: conhecer a casa do futuro marido, sair da casa dos pais, criar uma casa nova com o marido, montar uma casa para os filhos, ver os filhos saírem de casa, ver entes queridos morrerem no cotidiano da casa, imaginar uma casa nova, são vividos a partir de pequenos rituais que fazem parte do cotidiano que sob o teto de proteção da casa (Bachelard, 2005) não parecem rupturas tão dramáticas, já que a casa permanece lá em todas essas situações. A vulnerabilidade dessas mulheres está em ter condições ou não de avaliar a possibilidade de não ser destruída junto com a casa, nesse processo de ruptura vivido onde a casa que era o que parecia permanecer, será demolida. A morte do marido, a morte de um casamento; são imagens de finitude que evidenciam a ruptura de forma concreta, um ritmo que assim como os outros marca um tempo, porém neste caso, um ritmo mais intenso, que figura à ruptura o seu até então não tão evidente caráter de ruína. A eminência do desaparecimento físico de uma casa, no caso dessas mulheres, da sua própria casa, as coloca num processo onde elas

precisam, numa ação objetiva (Elias, 1998:168), escolher no espaço de tempo estabelecido pelos contratos de venda da casa; pelos prazos legais de desocupação do terreno; pelas ordens judiciais; os mandatos judiciais; aqueles móveis, fotografias, roupas, brinquedos, objetos capazes de conservar o vivido, aqueles “centros de condensação da intimidade em que se acumula o devaneio” (Bachelard, 2005:47). O risco dessas mulheres está na capacidade de avaliação dessa ruptura como mais uma na sua própria existência e então, ser capaz de conceber a sua duração além da destruição da casa. Uma ruptura dentro do ciclo de duração das concepções de família, de casamento, de estilo de vida e visão de mundo que motores da articulação da memória como estratégia dessa duração trazem o risco como a possibilidade de avaliação do que pode ser esquecido e o que tem que ser lembrado para que essas concepções permaneçam, concepções que compõem sua própria identidade de mulher na cidade.

As voltas da vida

Numa manhã nublada de abril, do ano de 2007, Carla respondeu minhas perguntas sobre a trajetória daquela casa onde estávamos na sua história de vida³. Escolhi trazer - pela proposta de pensarmos o risco a partir desse momento específico a qual Carla estava vivendo⁴ - um trecho onde ela fala da busca por moradia para a sua família que recém chegava do Rio de Janeiro, cidade onde nasceram seus três filhos e para qual o casal havia se mudado logo após o casamento para realização do mestrado do marido. Carla e marido voltam a Porto Alegre em 1982, com os filhos em idade de 7, 5 e 3 anos. A casa que ela fala é uma construção de 1946, tipo geminada, onde duas famílias moravam, cada uma, numa metade, da área adensável da construção. Quando Carla e o marido retornam à Porto Alegre, encontram a casa ocupada pelos pais do marido, que por sua vez tinha nascido e crescido ali junto com os irmãos:

³ Entrevista realizada na casa de Carla, no bairro Rio Branco, com base num roteiro de perguntas montados junto ao grupo de pesquisa do vídeo ligado ao Projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV. Entrevista gravada por mim, com microfone tipo “lapela”, e câmera de vídeo modelo mini-dv.

⁴ Aqui seria interessante trazer uma passagem do texto de Norbert Elias, fundamental na construção dessas articulações aqui realizadas, onde ele através da parábola de Edgar Allan Poe sobre os pescadores de Maelström, evoca a “interdependência funcional entre o equilíbrio emocional da pessoa e o processo mais amplo que a envolve” (Elias, 1998:169). O argumento de Elias como imagem dialética semanticamente nos remete a dialética do interior e do exterior que orienta os conceitos de Gaston Bachelard, compondo os dois autores parte no mosaico desse próprio texto. Se a dialética de Bachelard nos permite pensar a imaginação de si “do lado de fora” como parte do estar do “lado de dentro” sendo a metáfora da porta a fronteira construtora da intimidade protetora da casa, no caso de Carla e Ainsley uma intimidade que está sendo agenciada com lembranças e imagens para pela imaginação comporem a casa do futuro, a casa nova que ainda não possuem concretamente. A dialética de Elias serve aqui na medida em que ela constrói a tensão entre o tempo da ação e a tempo da imaginação, onde “a posição no processo” é condicionadora da capacidade de alienação precisa para construção de um modelo simbólico que conduza a pessoa em situação de risco, a uma ação objetiva capaz de fazê-la sobreviver a esse momento da escolha. Gostaria de evidenciar a importância da forma como essa casa, essa mudança está sendo construída por Carla, no sentido da capacidade de alienação que o momento em que ela vive a permite realizar, um mês e meio antes da entrega das chaves à construtora que adquiriu o terreno.

“nós estávamos hospedados aqui para procurar casa né, então os irmãos disseram porque que não ficam com a casa da mãe? Como são quatro, então um quarto era nosso, um quarto a gente tinha em dinheiro e a outra metade a gente fez um financiamento e eles foram muito legais, foi coisa de irmão eles fizeram uma avaliação e normalmente essas avaliações são baixas, né, e eles venderam exatamente pelo preço da avaliação. Foi um negócio de irmãos (...) e gostaram porque a casa ficou na família porque todos gostavam dessa casa e foram criados aqui. Então a casa continua na família (...) Ela sempre foi a sede, os aniversários eram aqui, enfim ela é a referência da família e agora que ela foi vendida e eu comecei a pensar onde eu ia morar e meus filhos começaram: ah mãe, nós não podemos imaginar tu em Porto Alegre num outro lugar. Daí veio até, entre outras coisas, que desencadeou essa coisa de eu ir embora, ir embora de cidade porque isso aqui é uma referência para família sim, é o esteio da família essa casa e quando foi para vender todo mundo ficou muito triste e o meu filho principalmente ele ficou numa tristeza, ninguém queria vender, mas vê só a casa do lado são sete filhos e o casal já morreu, eles moraram aí até o fim, faleceram (...) a casa tá vazia, porque os filhos todos estão adiantados na vida, tem a sua casa e aqui o meu marido faleceu e os meus filhos casaram e eu fiquei só eu, então, não faz sentido entende? A vida dá voltas e não faz sentido a gente ficar com ela, infelizmente, só se eu ganhasse na mega sena, daí eu compraria as duas, faria uma pousada, como eu estudo turismo eu pensei: bah, faço uma pousada aqui, faço um negócio legal, mas é irreal, não dá, eu tenho, eu não morro de fome, eu, eu tenho uma pensão, mas nada que eu possa manter uma casa dessas, então a gente está deixando ela, ela precisa de pintura, tá, o telhado tem que dar uma olhada, ela tem cupim, e eu fui deixando, fui deixando e com muita dor a gente vendeu, mas... não tem como”

Nesse pequeno trecho Carla nos convida a acompanhar os argumentos que ela estava construindo para avaliação do que seria a vida fora daquela casa. Onde a morte de familiares é retomada como uma inevitabilidade do fim da própria casa, ao mesmo tempo que - através dos estudos de Bachelard sobre o espaço da casa - essa inevitabilidade também constrói, pelas lembranças dos espaços vividos da morada aquilo que irá dar sentido a vontade de recomeçar em outro lugar. A tensão trazida pelo lugar que Carla ocupa na decisão do futuro daquela morada, que é tão anterior a ela própria, é vivida através da idéia de degradação do espaço da casa pelo tempo, como forma de figurar a própria passagem do tempo no telhado e nas paredes da casa, nos passando uma idéia de que com o esvaziamento daquilo que habita

aquela construção, ela sucumbe, desaba⁵. O núcleo desse *aquilo que habita*, parece ser o que Carla está buscando, no jogo da lembrança e do esquecimento, construir para que ela própria não sucumba junto com a estrutura da casa. Para Bachelard, mais importante do que a determinação das datas é procurar a solidez que o espaço da intimidade evoca, esse “fóssil de duração” concretizado por longas permanências na casa (2005:29) que nos trará a idéia de permanência no tempo. Viver as imagens de intimidade dos cantos preferidos, revirar aquilo que ela levará para outras gavetas, para outros armários são ações capazes de guardar o vivido daquela e de outras casas vividas, num gesto de repetição que funda a interdependência do homem com o cosmos⁶, uma interdependência que segundo Elias, é condição para simbolização das situações imaginadas do futuro oriundas da situação de risco.

Aqui torna-se preciso evidenciar uma adoção ao conceito de Durand (2002:59) de imaginação simbólica, fundado no pressuposto de que há uma concepção simbólica que postula o semantismo das imagens, numa aproximação e num condensamento delas a partir daquilo que elas contêm materialmente e não daquilo que elas apontam conter, e que difere da concepção de “modelo simbólico” no qual trabalha Elias. Para Elias os modelos simbólicos são frutos da representação da, neste caso, mulher em situação de risco, do processo vivido, de forma que ele conduza a uma ação objetiva eficaz. São veículos para a passagem do processo e estão inteiramente ligados a própria localização do indivíduo nesse processo. Pensando a imagem não como artifício, mas como compositora do pensamento (Durand,

⁵ Aqui é interessante trazer um trecho de uma entrevista realizada, em vídeo, na cidade de Cachoeira do Sul em junho do ano de 2003 por alunos da disciplina de Antropologia Visual, ministrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Visual da UFRGS, pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Como responsável, a partir de uma Bolsa de Iniciação Científica / CNPq, pela edição do material gravado pelos alunos, de modo a finalizá-lo no formato do documentário em DVD (Tempos Vivos e Narrados – Etnografia Visual e Sonora nas Ruas de Cachoeira do Sul, NTSC / 42 min / MiniDV / 2005), tive oportunidade de ouvir muitos e diferentes relatos de moradores procurados pelos alunos em função de algumas áreas da cidade. Um desses narradores era uma senhora, que ocupava a parte de trás do terreno de uma casa, considerada a casa mais antiga de Cachoeira do Sul. Esta casa, conhecida como casa da aldeia, soube em pesquisa posterior, no site do jornal da cidade (www.jornaldopovo.com.br) foi comprada, meses depois, por uma Organização Não Governamental de Cachoeira do Sul - ONG Defesa Civil do Patrimônio Histórico (Defender) – que, segundo o mesmo jornal, desde 2006, têm investido na proteção das ruínas da construção, como colocação de tapumes altos e cobertura do teto por uma lona. Com data de construção de 1848, em 2003, data da entrevista com dona ..., a casa da aldeia recém tinha sido desocupada por ela, que passara a morar no mesmo terreno, porém atrás da construção. Ela contava que tinha investido em melhorias na casa, como a colocação de “brasilite” nos lugares onde o telhado já tinha cedido, porém quando a dona e herdeira da casa, pediu que ela abandonasse aquele espaço, dona ... apontando para as paredes tombadas e os furos no assoalho e no teto, afirmou: “uma casa com gente dentro, ela não cai né, depois que eu sai é que ela ficou assim, é uma casa boa essa, mas tá assim”. Retomando a teoria de Bachelard, tanto a ONG, como dona ... evidenciam a partir dos cuidados com a construção a importância do vivido para a resistência da morada no tempo (2005: 31).

⁶ Elias chama de interdependência do homem com o mundo, Bachelard é que usará a idéia do cosmos, porque para ele essa terminologia contém mais precisamente a relação, objeto, homem, espaço, espírito, fundamental para o seu interesse de compreensão do espaço pela poética. Eu usei cosmos porque acredito que esse processo de mudança e esse processo gestual de escolha, dos objetos que ficarão e os que serão descartados, profundamente cosmológico à medida que eles agenciam símbolos e retomam imagens de tempos vivos pela imaginação simbólica (Durand, 2002).

2002) temos condições de pensar a duração da casa para além do processo que leva a sua destruição, temos como pensar no momento posterior ao do naufrágio dos pescadores (Elias, 1998:165) como imagem integrante do próprio processo de naufrágio, onde a objetividade exigida para a ação esta ligada muito mais com o que escolhermos romper para durar, do que com o que escolhemos nos apegar para sobreviver.

Tudo é lembrança

Na dialética desse jogo de possibilidades circunscritas pelo apego e o desapego, Ainsley, moradora do bairro Tristeza, cidade de Porto Alegre, traz outra noção de espaço vivido, numa conversa que gravamos na casa dela⁷, em 2006, um mês antes dela ser destruída ela narra:

- *“Isso é uma coisa interessante, é uma coisa diferente né? Esse roupeiro aqui tem 100 anos, aqui a minha mãe tava grávida de mim, penteando o cabelo e um pássaro pousou nela.”*
- *“Lindo, isso aqui é bisotê.”*
- *“Só tu não me filma que tu apanha...”*
- *“Isso aqui também é bem antigo” – mostra um abajur.*
- *“Essa mesa também é bem antiga, isso aqui ó não sei se tem como tu pegar...” – plano seqüência do quarto, passando pela porta até a sala, passeando pelos objetos em cima da mesa.*
- *“Estava na revista em um palácio...”*
- (...)
- *“É, esse móvel era do meu bisa né, porque meu vô como eu te disse ele morreu com 36 anos, é aquele ali” – ela atravessa sala e aponta para o retrato que está na parede em cima dos sofás e ao lado de uma das quatro janelas da ante sala.*
- *“Ele, no caso, é o genro do Frederico: Gustavo Adolfo Albrecht.”*
- *“Minha vó faleceu com 94 anos, viveu a vida né – eu não quero isso! Deus que me perdoe.”*
- (...)
- *“Ah é, ali na cristaleira também... Isso aqui também tem mais de 100 anos. Isso aqui também era dela, que eu guardo o cabelo do meu pai, ó, que é ruivo como o meu.”*
- *“É ruivo ó” - diz isso rindo.*
- *“Eu cortei, porque ele faleceu nesta casa, eu cuidei dele até o final.”*
- *“E esse aqui é meu pai ó, só, porém bebê. Ó.”*
- *“Esse é o Gustavo, filho daquele outro Gustavo.”*
- *“Têm muitas fotos aqui, lindas as fotos.”*
- *“O móvel que estava com as fotos eu já embalei.”*

⁷ Essa gravação com Ainsley aconteceu na parte da tarde, hora que o sol começa a se pôr no rio Guaíba, fenômeno que faz muita diferença na valorização imobiliária dessas áreas a beira do rio, na zona sul da cidade. A gravação aconteceu com a câmera na mão, onde percorri junto com ela os espaços que ela ia escolhendo para me mostrar sobre a casa: os móveis preferidos; os móveis antigos. Cheguei até a casa de Ainsley através do marido de uma amiga, ambos, proprietários de um escritório de arquitetura. O marido era responsável pelo projeto da casa nova de Ainsley a ser construída ao lado da antiga. Ele foi gentil em me apresentar o filho de Ainsley e esse muito empenhado em me apresentar a mãe. Através do filho de Ainsley, Celso, marquei a conversa para essa tarde e fui junto com o marido dessa amiga, até a zona sul da cidade onde ficava a casa. Enquanto ele inspecionava a obra, gravamos, eu e Ainsley, nossa primeira conversa.

Anelise:

- *E isso te traz alguma lembrança?*

Ainsley:

- *“Lembrança?”*

- *“Aqui? Tudo, tudo me traz lembrança, é minha vida, minha infância, não sei viver em outro lugar.”*

- *“O sino também. O sino é uma coisa linda. Sempre se chama assim para o almoço, sempre” - sacode a cordinha que bate o sino.*

- *“É um lugar prático, tudo exposto. Dai eu sei o que tem, o que não tem. A arara também, o louro.”*

- *“Mas ao mesmo tempo a gente fica presa e dependente, né? E a gente sofre, né, porque é o apego.”*

- *“Viu? Aqui, aqui somos loucos uns pelos outros” – mostra arranjo que tem no centro essa frase: Aqui somos loucos uns pelos outros.*

Diferente de Carla, Ainsley não perdeu o marido por causa de uma doença, perdeu-o para outra mulher, a casa onde moravam era ocupada por Ainsley desde a morte do pai, quando voltou com a família⁸ – marido e três filhos – para cuidar dele. Herdeira por descendência direta, o motivo da destruição da casa se deu em função de uma partilha não amigável entre ela e o seu irmão por parte do pai. A dificuldade em um acordo que dividisse o terreno, preservando a morada, impulsionou Ainsley à destruição da parte da casa que ficava na sua parte do terreno partilhado, concretizando com isso uma interferência real na propriedade imóvel do seu irmão, que agora tinha uma casa pela metade. As ações e relações de Ainsley com sua linhagem não serão aqui exploradas, isso deve ser abordado em outro trabalho, elas estão descritas de maneira a contextualizar e, portanto, delimitar a estrutura comparativa⁹ existente entre ela e Carla. O paralelo comparativo possível entre essas duas mulheres passa pela situação em que se encontram em razão da destruição das suas casas como risco de duração de si mesmas numa nova morada.

Delimitar esse aspecto social similar é o que move esse trabalho na tentativa conjunta de pensar essa similaridade como um processo vivido dentro do processo que organiza a cidade como um espaço habitado, “a partir dos gestos, olhares e performances de seus moradores, itinerários, dramas e intrigas vividos por eles” (Eckert e Rocha, 2005: 87). Só na cidade a partir de sua “polissemia”, podemos pensar a situação dessas mulheres de forma complexa, de forma a buscar entender que os caminhos da lembrança passam pela cidade, pelas imagens dessa mulher na cidade, a mulher de outrora a mulher de hoje. Passam pelos

⁸ Ainsley nasceu nessa casa, sua família paterna ocupa o terreno desde antes de 1910 quando essa casa, que funcionava como chácara de lazer da família, foi construída.

⁹ Com base no método comparativo de Radcliffe-Brown, as relações jocosas entre o irmão da mãe e o filho da mãe, formam uma instituição, à medida que, podem ser observadas num “determinado número de sociedades diferentes” no presente e no passado. Aqui claramente não estamos trabalhando com essas relações jocosas, mas movidos pelo mesmo espírito científico do autor, usaremos o método comparativo para estabelecer aquilo que permanece e que pode ser generalizado a partir da comparação entre a narrativa dessas duas mulheres.

itinerários vividos pela ação, revividos pela imaginação, pela passagem do tempo que molda as formas do concreto que constrói e destrói a cidade e na qual essas mulheres como agenciadoras de algumas dessas mudanças, diferenciadamente fazem parte. “espaço fantástico”

A cidade que dura

“São bens imóveis:

I - o solo com a sua superfície, os seus acessórios e adjacências naturais, compreendendo as árvores e frutos pendentes, o espaço aéreo e o subsolo;

II - tudo quanto o homem incorporar permanentemente ao solo, como a semente lançada à terra, os edifícios e construções, de modo que se não possa retirar sem destruição, modificação, fratura, ou dano;”

(Artigo 43 do Código Civil, lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916)

Reiterando o sentido da palavra *imóvel*, trazida pelo código civil brasileiro, proponho pensarmos aqui as articulações desenvolvidas ao longo desse trabalho no intuito de problematizar a multiplicidade de significados presentes entre as noções de imóvel e móvel, para pensar a permanência de Carla, Ainsley e a cidade no tempo. Primeiramente, nesse jogo de temporalidades possíveis, temos a imobilidade da imagem da casa pelo tempo jurídico, legal, como um tempo que também guia essas mulheres na avaliação das suas lembranças, visto que elas estão inseridas nele como as responsáveis por esse patrimônio, lidando com uma lógica de mercado, de compra e venda, de especulação imobiliária onde a casa é vista como bem altamente mensurável e impessoal. Em contraste, temos outra noção de imobilidade, para Bachelard, “as lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas” (2005: 29), uma lembrança que constrói a intimidade da casa porque ela nos habita, pede para ser possuída por aquele que a experiencia. A diferença fundamental entre: a imobilidade da casa como bem e a imobilidade da lembrança da casa, está na diferença das suas dimensões. Na primeira premissa a destruição, fratura ou dano danifica o bem e destrói o espaço da casa, podendo ele ser vivido por um condomínio, um shopping, uma loja, um parque sem que nenhum deles guarde qualquer vestígio daquilo que um dia ali foi destruído.

Na segunda premissa a imobilidade da lembrança está condicionada ao pressuposto de que o “inconsciente permanece nos locais” (2005: 29), e aí podemos pensar tanto na imobilidade do imaginário construtor dos cantos da casa - não habitamos nossos cantos da casa, independente da casa onde estivermos? – como a possibilidade de, contra a lógica do progresso da cidade, a lembrança do cidadão guardar cada uma das transformações ocorridas naquele espaço: o antigo curso de rio, o velho armazém, a casa, o edifício; construindo na cidade, assim como na casa, cantos imaginários e imóveis que independem das construções ou destruições ali realizadas. Partindo de como os itinerários dos grupos na cidade permanecem através da lembrança desses grupos da cidade vivida, postulamos que os grupos constroem seus trajetos a partir dos espaços habitados, sejam eles do passado, do presente ou do futuro, “nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (2005: 62). Se pensarmos a cidade como um objeto temporal (Eckert e Rocha, 2005) podemos pensá-la, assim como pensamos a casa: um espaço que guarda trajetos evoca lembranças e, portanto resiste à lógica das transformações urbanas recriando uma lógica que na dimensão do vivido permanece no cotidiano dos grupos e, portanto, dura, *vibrando* através dos diferentes ritmos trazidos pelos processos de ruptura que, assim como no caso de Ainsley e Carla, possibilitam, à medida que são conscientes, que ela se pense como duração e, portanto como alguém integrado às finitudes e a mortes e não como alguém que acaba junto com elas.

De modo a finalizar, proponho imaginarmos a cidade como esse alguém, um corpo habitante de um espaço, sujeito a rupturas, sujeito a pensar, o seu próprio destino perante elas. Para tanto, trago outro momento da entrevista com Carla onde ela desenvolve, à medida que já reflete sobre a sociabilidade permitida por aquele espaço íntimo da casa, a certeza de que ter vivido ele é a única garantia que ela tem da permanência dele em outro espaço:

“Essa escadinha aqui da frente que eu faço questão que tu filme, essa escada tem história a gente sentava ali para pegar sol depois do almoço no inverno quando eu tinha 15 anos, nessa escada eu namorei, nessa escada eu e meu marido a gente sentava para tomar chimarrão, eu sento até hoje ali. Eu disse para os meus filhos eu vou ter que levar o degrau da escada. Eu sento ali, todo o dia eu tenho que sentar, se o pessoal vem aqui a gente senta ali para conversar, os meus filhos eu já vi fazer briga com o marido sentado ali, sabe? Essa escada tem uma história todo mundo, tem mania de sentar ali naqueles degrauzinhos.

É impressionante, realmente se essa escada contasse a vida dessa casa. Tem fotos antigas que eu tenho aí deles crianças, eles, todo mundo, sentado nessa escada (...) então realmente essa escadinha é tudo”

Habitados por essa escada que hoje já não existe mais¹⁰ senão nas fotos, nesse relato e na lembrança de Carla e daqueles que participaram da existência dela podemos refletir sobre que espaços da cidade, anônimos para as políticas públicas de urbanização, estão também guardados somente no relato de alguns moradores. Devanear nesse sentido, menos do que um esforço saudosista de habitar o tempo de outrora é possibilidade de nos deslocarmos no tempo para pensarmos que rupturas são essas, rápidas e muitas vezes hostis nos espaços da cidade, que constroem a duração da cidade de Porto Alegre no tempo. Se a escada de Carla tem história para contar é porque essa mulher esteve correndo o risco de imaginar a si mesma em outro lugar, construindo as paredes protetoras da intimidade da casa para longe de Porto Alegre, para longe do bairro Rio Branco, buscando na permanência de um estilo de vida a sua duração. Carla mora hoje na cidade de Canela, longe cerca de duas horas da capital do estado, numa casa tão grande quanto aquela que vendeu. Ainsley continua morando no bairro Tristeza no terreno ao lado da ruína da casa onde nasceu seu pai, numa morada bem mais singela, mas que contempla dentro dos seus poucos cômodos todos os móveis da velha casa, os quais para ela simbolizam a duração de um legado familiar e de uma permanência dela no território dos abastados antepassados, forma que pela sua avaliação a fez sobreviver ao processo de mudança e também, durar. Sob essa lógica ficamos com a questão em aberto, sobre a cidade de Porto Alegre e suas rupturas refletidas a partir de uma ótica de progresso, que risco está correndo, essa cidade ao pensar-se assim, que duração podemos perceber na sua trajetória, e por final, assim como a escada da casa de Carla, que histórias ela tem para contar.

Referências Bibliográficas

CÓDIGO CIVIL. **Livro II, dos Bens**. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁰ A casa de Carla foi destruída na terceira semana do mês de dezembro de 2007. Enquanto escrevo este trabalho, trabalhadores de todos os níveis e especialidades trabalham na terraplanagem e no estudo das fundações do futuro edifício que ali em breve será erguido.

ECKERT, Cornelia & ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imagens Sentimentais da Cidade**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MELATTI, Júlio Cezar (Org.). **Radcliffe-Brown**. São Paulo, Ática 1978.

OLIVEN, Ruben George. **Por uma Antropologia em cidades brasileiras**. In: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

PAIVA, Edvaldo Pereira. **Expediente Urbano de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1942.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **"As figurações de lendas e mitos históricos na construção da Cidade tropical"**. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 34. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001

SIMMEL, Georg. 1985. **"A metrópole e a vida mental"**. In: O Fenômeno Urbano. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

Banco de Dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, com base nas fontes: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística FEE/Núcleo de Indicadores Sociais**.
<http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/>